

CONTRIBUIÇÕES DOS MULTILETRAMENTOS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA

Flávia Karolina Lima-Duarte¹
Christiane Batinga Agra²
Maryanne Acioli Bomfim Cedrim³

RESUMO

O presente artigo é um recorte de uma pesquisa PIBIC em andamento no IFAL. A pesquisa pretende refletir sobre um processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, visando à formação cidadã através dos multiletramentos. O referencial teórico apresenta reflexões sobre a visão de língua como construto social (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2012) e multiletramentos (ROJO, 2012; MONTE MOR, 2015). A investigação é um estudo de caso (TELLES, 2002). Os resultados obtidos até o momento apontam para uma possível atitude crítica dos alunos diante de suas realidades locais, a partir de reflexões oportunizadas pelo uso de textos diversos àqueles usualmente utilizados no contexto escolar.

Palavras-chave: multiletramentos, criticidade, língua materna.

Introdução

É senso comum dizer que nos dias de hoje vivemos em um mundo globalizado, onde não existem fronteiras e onde as distâncias se reduziram a um simples clique de um *mouse*. As palavras de ordem atuais são comunicação e interação. Quando falamos nos dias de hoje, estamos nos referindo a uma sociedade contemporânea que vive um período que Bauman (2001) denomina modernidade líquida, uma vez que para ele, vivenciamos um momento de extrema fluidez nos nossos pensamentos e relações sociais. Em suas palavras:

¹ Professora Mestra do Instituto Federal de Alagoas – IFAL – *campus* Maceió e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGLL/UFAL. E-mail: flaviakarolinalima@gmail.com.

² Professora Mestra do Instituto Federal de Alagoas – IFAL – *campus* Maceió e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGLL/UFAL. E-mail: christianeagra@hotmail.com.

³ Graduada em Letras pelo Instituto Federal de Alagoas – IFAL. E-mail: melcedrim@gmail.com.

Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da liquidez para caracterizar o estado da sociedade moderna, que, como os líquidos, se caracteriza por uma incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades (BAUMAN, 2003, p. 6).

De fato, instabilidade e incompletude constantes são características do ser humano que vivencia a modernidade líquida a qual vai de encontro aos princípios de uma modernidade "concreta" que enxerga o homem como um ser completo e acabado e onde as verdades são consideradas estáveis e absolutas. A globalização atrelada a essa dissolução das fronteiras entre espaço e tempo corrobora esse sentimento de instabilidade – nada é permanente, tudo aquilo que está presente ou parece ser concreto e estável em um determinado momento, pode mudar em outro.

Acreditamos assim, que a escola precisa se modificar para atender as necessidades de crianças e adolescentes em formação que vivenciam todas as inquietudes da nossa sociedade contemporânea. Nesse momento, concordamos com Duboc (2014) quando ela afirma que

Se no paradigma moderno o sujeito produzia conhecimento de forma centralizada, concentrada, individual, privada e ainda baseando-se em normas pré-estabelecidas, o sujeito da atual sociedade distribui e compartilha saberes dentro de uma lógica muito mais colaborativa e pública, partindo da experiência da ausência de modelos padronizados e previamente estabelecidos (DUBOC, 2014, p. 23).

Partindo dessa concepção de que na sociedade atual os saberes são partilhados, compreendemos a necessidade de promover pesquisas que desenvolvam atividades práticas com os discentes; e orientadas, de fato, por uma formação crítica e social. Diante do exposto, o objetivo deste artigo é o de refletir sobre um processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, visando à formação cidadã dos nossos alunos e alunas através do uso dos multiletramentos.

Para o alcance desse objetivo, este artigo subdivide-se em três seções além desta introdução. Na primeira tecemos algumas considerações teóricas sobre nossa concepção

de língua e os multiletramentos. Na segunda são descritos os procedimentos metodológicos de coleta e geração dos dados; por se tratar de uma pesquisa em Linguística Aplicada em que o mais importante é a reflexão sobre o processo, nos preocupamos em detalhar esta etapa ao máximo. Na terceira apresentamos a análise de uma narrativa digital elaborada por um estudante de uma escola pública de Maceió. Finalmente, concluímos com algumas considerações sobre as implicações dessa proposta de ensino com base nos multiletramentos para o ensino de Língua Portuguesa.

Dialogando com Bakhtin sobre os multiletramentos: uma breve reflexão teórica

Aqui, assumimos a concepção de língua de Bakhtin / Volochinov (2012), uma vez que eles a entendem como um fenômeno claramente social. Para os autores, "a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psico-fisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal" (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2012, p. 127).

Ou seja, para eles, a língua só existe a partir da interação com o outro e sendo assim, jamais será estática: ela está em evolução ininterrupta. Por essa concepção perpassa a ideia de um sujeito que nunca está pronto, acabado. Se ele, o sujeito, não está permanentemente definido e estático, assim também não estará o seu discurso. É interessante perceber a vital importância do outro nesse processo e a clara dialogicidade presente nessas relações. Segundo Bakhtin (2011, p. 300), "todo enunciado, além do seu objeto, sempre responde (no sentido amplo da palavra) de uma forma ou de outra aos enunciados do outro que o antecederam". Isto é, esses enunciados surgem como respostas ativas a outros enunciados e isso não precisa ser necessariamente, síncrono. Em outras palavras, eu posso dialogar com o autor de um livro, por exemplo, ao lê-lo, a partir do momento que reajo ao que está ali escrito. Ainda sobre essa compreensão responsiva ativa, Bakhtin nos fala, "toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso);

toda compreensão é preche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante." (BAKHTIN, 2011, p. 271) Esse é, então, o princípio do diálogo a que ele se refere.

É interessante notar que assim, nosso discurso jamais será uno, individual. Ele sempre trará, mesmo que inconscientemente, um reflexo do meio social em que o indivíduo está inserido. Em outras palavras, ele será carregado das ideologias que permeiam nossa existência. A língua é viva e se reconfigura a cada instante, a cada nova interação, a cada contato com o mundo exterior. Para eles "a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes." (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2010, p. 128).

É por acreditarmos na língua viva, que só existe a partir da interação com o outro que afirmamos ser impossível hoje, desconsiderarmos os diversos tipos de textos e semioses que circulam a vida de nossos alunos. Assim, diante da multiplicidade de semioses e culturas que nos circundam, concordamos com Rojo (2012), quando ela afirma que

Trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver o uso de novas tecnologias de comunicação e de informação, mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático – que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos (ROJO, 2012, p. 8).

Depreendemos do pensamento da autora, que trabalhar na perspectiva dos multiletramentos envolve valorizar as diversas culturas que permeiam o universo dos participantes da pesquisa (local e regionalmente), mas também fazê-los ter contato com outras, para que eles consigam se posicionar criticamente diante das diferenças. Além disso, não podemos esquecer que esses contatos e reconhecimentos não se darão apenas na forma dos chamados letramentos formais. No mundo multissemiótico em que vivemos, há diversos outros tipos de letramento que devem ser valorizados nesse

processo. Saber jogar um determinado jogo de videogame, conseguir operar um caixa eletrônico ou até mesmo conseguir baixar um aplicativo num celular, são exemplos de outros tipos de letramento além da escrita e da leitura formais.

Dentre os multiletramentos ressaltamos o letramento crítico, fundamental para que consigamos refletir e nos posicionar diante do contexto já descrito de nossa sociedade contemporânea. Assim, segundo Tílio (2013),

Alguns pressupostos básicos de uma teoria de letramento crítico são a desnaturalização e não neutralidade do conhecimento; a instabilidade da realidade, constantemente (re) (co) construída; a multiplicidade do significado, historicamente e culturalmente (re) (co) construído, sempre múltiplo, negociável e contestável, considerando as relações de poder envolvidas nas práticas sociais (TÍLIO, 2013, p. 68).

O pensamento do autor corrobora a ideia de que na fluidez da sociedade contemporânea, a criticidade é crucial para que possamos refletir sobre as forças hegemônicas e discursos dominantes que a permeiam.

É importante que se faça aqui uma reflexão acerca do que é ser crítico. Monte Mór (2015) faz uma relação entre os termos *criticism* e *critique*. Segundo a autora, o primeiro termo se refere a uma crítica especializada, que remonta à escolarização; já o segundo está relacionado a percepção social, a experiência de vida, sendo, portanto, subjetiva e não relacionada diretamente aos bancos escolares. Geralmente quando mencionamos a palavra crítico, é o primeiro termo que nos vem à mente, no entanto a noção de criticidade presente no letramento crítico que defendemos nesse estudo “remete a uma vivência social, a uma reorganização do conhecimento e a uma autoria nos sentidos construídos pelo leitor, espectador, interlocutor, pessoa, enfim, cidadão” (MONTE MÓR, 2015, p. 43). Ou seja, o letramento crítico está diretamente relacionado à capacidade do indivíduo de refletir sobre o seu universo, compará-lo com realidades diferentes da que vive e mais importante do que tudo, sabendo conviver com essas diferenças.

Essa possibilidade de posicionamento e ação a que o letramento crítico pode levar é uma posição agentiva diante do contato com outros discursos. Assim,

concordamos com Duboc (2014), quando ela diz que atividades que promovem a agência,

promovem a resposta do aluno ao seu entorno, ou seja, o seu posicionamento diante de uma determinada situação ou tema, a compreensão histórica desta sua posição e ainda o reconhecimento da existência de posicionamentos outros, além da possibilidade iminente de ver seu próprio julgamento transformar-se (DUBOC, 2014, p. 27).

Dessa forma, concluímos dizendo que não há como pensar em ensino da língua materna sem considerar os multiletramentos que permitem aos estudantes compreenderem o seu universo.

“Se não tiver desafio, eu nem faço!”: os procedimentos metodológicos

O presente estudo se insere na área de linguística aplicada por ser uma área transdisciplinar cujo objetivo é a reflexão acerca de questões que envolvem a linguagem nos diferentes contextos de uso (MOITA LOPES, 2006). Entendemos que essa visão permite a realização de pesquisas voltadas para as questões sociais de uso da língua, que envolvam uma preocupação com os participantes e que conseqüentemente não se restrinjam apenas a fenômenos meramente estruturais. Essa posição está ilustrada na seguinte afirmação: “Se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social etc.” (MOITA LOPES, 2006, p. 96).

Esta pesquisa é de natureza qualitativa uma vez que privilegia a prática interpretativa dos dados e tem o objetivo de compreender um determinado grupo de alunos e seus contextos sociais (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Dentro desse paradigma esta pesquisa é um estudo de caso, pois este tipo de abordagem é utilizada “quando o professor-pesquisador deseja enfocar um determinado evento pedagógico, componente ou fenômeno relativo à sua prática profissional” (TELLES, 2002, p. 108). Nesse sentido, nosso enfoque se baseia na compreensão de como os multiletramentos

podem contribuir no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa de estudantes do 1º ano do Ensino Médio da escola pública estadual Dr. José Maria Correia das Neves, localizada no bairro do Prado, em Maceió/AL.

O desejo de desenvolver este projeto partiu da preocupação social das pesquisadoras em realizar um trabalho em uma escola pública, em um bairro de periferia e com problemas de estrutura e segurança, dado que são poucos os profissionais que se disponibilizam a pesquisar nesse contexto.

Definida a escola onde seria realizada a investigação precisávamos escolher a turma em que o trabalho seria desenvolvido. Entramos em contato com uma das professoras de Língua Portuguesa da escola que se disponibilizou a colaborar com a pesquisa. A intenção inicial era trabalhar com uma turma do 9º ano, mas devido ao remanejamento da professora colaboradora (Solange⁴) para o Ensino Médio acabamos por definir o 1º ano E do Ensino Médio matutino, como o grupo escolhido para a realização da pesquisa. A sugestão partiu de Solange que entendia que um trabalho diferenciado poderia facilitar o aprendizado de Língua Portuguesa na turma.

Eu tenho turmas do 1º ano A até o E. Geralmente os alunos que ficam na turma E são mais dispersos e apresentam mais dificuldades de aprendizagem. Eu gosto de desafios por isso sempre fico com as turmas que dão mais trabalho. Acho que com esse trabalho diferenciado eles vão se envolver mais na pesquisa (SOLANGE – conversa informal com a professora pesquisadora).

A fala de Solange nos motivou ainda mais e, então, definimos os rumos que a pesquisa tomaria. Antes de descrevermos as etapas da pesquisa, faremos uma breve caracterização do seu contexto de realização e dos participantes.

O contexto da pesquisa

⁴ Todos os nomes mencionados neste artigo são fictícios para preservar a identidade dos participantes da pesquisa.

A escola José Maria Correia da Neves fica localizada no bairro do Prado, no centro da cidade de Maceió. O bairro conta atualmente com uma população de aproximadamente 17.763 habitantes, sendo 37% composta por jovens em idade escolar, de acordo com o censo (IBGE, 2010). Nele percebe-se o descaso do poder público caracterizado pela falta de saneamento básico, infraestrutura, asfaltamento e calçadas irregulares, abastecimento de água deficiente, má iluminação, entre tantos outros problemas que afetam diretamente o crescimento e desenvolvimento do bairro.

Além destes problemas comuns à outros bairros da cidade, o Prado sofre ainda com uma constante onda de violência e insegurança. Fato relatado por uma das alunas participante da pesquisa em sua entrevista inicial

As coisas ruins *é que* em muitas escolas tem assalto, roubo, essas coisas assim, e... falta de segurança nas ruas (KARINA – aluna - entrevista inicial).

Conforme o relato, infelizmente, tornou-se comum aos moradores do bairro, acordar, por vezes, com corpos de adolescentes estendidos na calçada de casa. Seja pela guerra de gangues ou pelos "justiceiros da comunidade", nos deparamos com essa triste realidade que atinge principalmente os jovens em idade escolar. Cercas elétricas, ganchos nos muros, cadeados, trancas e cães de guarda são algumas das medidas que os moradores tomam em busca de se defender dos assaltos e sequestros. Um bairro que há aproximadamente 30 anos era modelo de tranquilidade, com vizinhos nas calçadas jogando conversa fora, crianças brincando livres nas ruas sem pavimentação, subindo nas árvores, indo à escola. Um bairro que ficou a margem do desenvolvimento e esquecido pelo governo.

A escola atende a alunos do bairro do Prado e de bairros vizinhos. São oferecidos na escola os níveis de ensino fundamental e médio na modalidade regular, nos turnos matutino e vespertino e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é oferecida no turno noturno. A quantidade de alunos matriculados na escola em 2016 foi de 333 no ensino médio, no turno matutino, 323 no ensino fundamental, no turno vespertino e 255 na EJA no turno noturno. Em seu quadro funcional a escola possui apenas 03

professores de língua portuguesa, sendo 01 efetivo e 02 monitores⁵ e todos possuem formação em Licenciatura em Letras. Apesar do número de matriculados, percebe-se grande evasão de alunos quando há o contato com a sala de aula. A professora Solange afirma que existem causas variadas que justificam o abandono das aulas. Alguns alunos não conseguem conciliar a rotina de trabalho com a de estudo, outros podem acabar se envolvendo com furtos, tráfico de drogas e prostituição e existem também os que querem estudar, mas são forçados a deixar a escola a pedido dos próprios pais.

Feita a caracterização da escola e seu entorno, partimos para a descrição dos participantes da pesquisa: os alunos do 1º ano E e a professora colaboradora.

Os participantes da pesquisa

Os alunos

A faixa etária dos estudantes é de 15 a 16 anos e a maior parte deles vive em famílias de baixa renda. Apesar de existirem 40 alunos matriculados na turma, apenas 32 iniciaram o ano letivo e somente 15 concluíram o curso. Os estudantes moram nos bairros do Prado, Trapiche, Pontal da Barra e Levada e a maioria afirma ir e voltar a pé para escola. Os alunos apresentam algumas dificuldades de aprendizagem e concentração, além de episódios de indisciplina em alguns momentos.

Com relação a participação em sala de aula, poucos demonstram iniciativa e entrosamento nos debates e reflexões. Quanto às atividades de Língua Portuguesa aplicadas pela professora com auxílio do livro didático, folhas impressas e no quadro, a maioria dos estudantes entregam as atividades e buscam o feedback da professora. Observa-se também que a turma reage melhor aos estímulos didáticos quando são utilizados textos diferentes daqueles normalmente utilizados por eles em sala – vídeos, músicas, imagens. Os próprios alunos afirmaram gostar de trabalhar a Língua

⁵ Professores monitores são professores substitutos que participam de um processo seletivo simplificado e tem um contrato de trabalho com tempo determinado.

Portuguesa a partir de projetos como o que apresentamos e questionaram ainda porque outros professores não utilizam essas outras possibilidades no ensino.

Gostaria que mais professores fizessem esse tipo de trabalho na nossa turma, porque em geral, eles acham que o melhor é proibir o uso dos celulares. (IRACEMA – aluna – excerto de aula – 14.09.16).

Percebemos assim, que, para eles, o uso do celular, um dispositivo ainda ‘proibido’ para muitos professores, parece representar uma conexão da escola com suas realidades de vida. Numa proposta de trabalho via multiletramentos é justamente essa valorização de culturas outras, além daquelas já naturalizadas como culturas e práticas escolares, que podem e devem ser valorizadas num trabalho com os alunos.

A professora colaboradora

Com mais de 20 anos de exercício da profissão docente, a professora Solange, nossa colaboradora, foi essencial para o desenvolvimento do projeto na escola. Selecionada através de concurso público, a docente possui atualmente carga horária de 40 horas semanais distribuídas entre Ensino Fundamental e Ensino Médio. Assim como os alunos e boa parte dos servidores da escola, a professora também reside no bairro do Prado.

Quanto aos recursos didáticos utilizados por ela, há o trabalho com o livro didático, o quadro e as cópias de exercícios. Nem sempre ela consegue trazer atividades e jogos mais dinâmicos para a sala. A docente acredita que projetos com possibilidades de trabalho com textos diversos são excelentes oportunidades para os estudantes, pois possibilitam uma melhor aprendizagem e vivência. Este pensamento foi reforçado em conversas informais via mensagens instantâneas:

Fig. 1 – Conversa Informal



Fonte: pesquisadoras

É importante ressaltar que a professora colaboradora nunca havia trabalhado com esta perspectiva.

Eu adorei essa forma de trabalho. O Estado até oferece capacitação, mas nunca posso participar porque tenho muitas turmas e meu horário nunca bate. Já houve dois cursos de formação (até aqui na escola), mas não pude participar porque tenho turmas demais. Olha só, tive de juntar o primeiro e o segundo ano duas semanas porque a professora do segundo tava doente (SOLANGE – conversa informal).

As etapas da pesquisa

Durante a realização da pesquisa utilizamos como instrumentos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas com os participantes, gravações em áudio dos encontros, as produções dos alunos e os diários de campo da professora pesquisadora. Optamos por utilizar diferentes instrumentos que nos oportunizariam o contato com os discursos dos participantes em momentos diversos da pesquisa. Isso garante uma triangulação dos dados coletados, dando credibilidade às conclusões a que chegamos durante a interpretação dos dados.

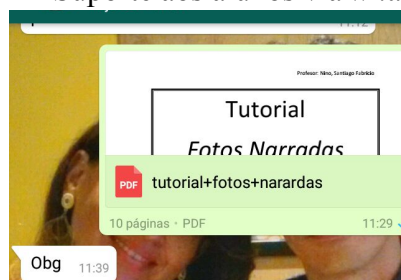
No dia 8 de setembro de 2016, aconteceu o primeiro encontro das pesquisadoras com os alunos, momento em que o projeto foi apresentado e discutido com eles. O uso dos *smartphones* durante as aulas e a possibilidade de trabalhar a Língua Portuguesa

através de formatos de textos e temáticas diferentes daquelas com as quais eles estavam habituados a trabalhar na escola foram propostas e discutidas no encontro que encerrou com as orientações sobre o desenvolvimento do projeto e a divisão das etapas.

O primeiro tema trabalhado em nosso projeto consistia em fazer os alunos refletirem acerca do bairro onde moram. Para isso, realizamos entrevistas semiestruturadas com cada um dos grupos, gravações e anotações de campo. Após essa etapa, eles deveriam tirar fotos de aspectos positivos ou negativos da região e a partir dessas fotos, criar narrativas onde iriam expor os seus pontos de vista sobre a localidade. Trabalhamos o gênero narrativa em sala e de posse dos textos produzidos iniciamos a correção e a reescrita coletiva das narrativas. Queríamos oportunizar aos alunos a discussão/ reflexão sobre os aspectos que julgassem mais relevantes (positivos ou negativos).

As fotos seriam tiradas utilizando os aparelhos celulares dos alunos e para apresentar as narrativas eles deveriam utilizar softwares como o *Fotos Narradas*⁶ em que, as fotos e os textos seriam transformadas em pequenos vídeos narrados pelos alunos. Apesar da promoção da oficina sobre as narrativas digitais, muitos alunos apresentaram dificuldades ao trabalhar com essa ferramenta tecnológica disponibilizada pela *Microsoft*. Nesse momento prestamos suporte via *Whatsapp* para esclarecimento de dúvidas e elaboramos uma apostila em PDF que enviamos para os grupos (fig. 2)

Fig. 2 – Suporte aos alunos via *whatsapp*



Fonte: pesquisadoras

⁶ Programa gratuito oferecido pela Microsoft para criar apresentações fotográficas. Essa ferramenta permite mesclar imagens, música e narração de voz. <http://microsoft-photo-story.uptodown.com/windows>. Acesso em janeiro de 2017.

Com essa proposta trabalharíamos a temática local (no caso, o bairro onde eles moram), mas utilizaríamos textos em formatos diferentes daqueles que os estudantes estavam habituados a trabalhar na escola.

Na tabela a seguir detalhamos as etapas de desenvolvimento do estudo.

Tabela 1 – Etapas da Pesquisa

DATA	ETAPA	DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES
06/10/2016	Produção das narrativas digitais	Suporte online às dúvidas sobre a construção da narrativa digital e entrega da versão final das narrativas digitais.
08/09/2016	Apresentação da proposta	Exposição, discussão e esclarecimento de dúvidas sobre o projeto.
09/09/2016	Conversa com os alunos	Início do projeto, entrevista com os grupos, orientações e suporte de dúvidas online.
14/09/2016	Aula e reescrita das narrativas	Revisão, avaliação da experiência com o projeto, correção e reescrita coletiva das narrativas.
15/09/2016	Oficina de fotos narradas	Demonstração da produção de narrativas digitais, esclarecimentos e debate sobre a construção das narrativas.

Fonte: Pesquisadoras

Em seguida apresentamos algumas fotos obtidas durante as etapas de realização do projeto:

Fig. 3 – Etapas da pesquisa



Fonte: pesquisadoras

“Professora, eu quero fazer sozinho”: o desenvolvimento da criticidade via multiletramentos

Dentre as produções realizadas pelos alunos destacamos a de Alexandre. O que chamou a nossa atenção desde o princípio foi a sua vontade de refletir sobre a realidade que o circunda. Tanto que ele, inicialmente, se negou a participar do grupo em que tinha sido convidado a tomar parte porque os colegas destacavam apenas pontos positivos do bairro onde moram.

A gente podia falar da escola. É que agora tem escolas com tempo integral pros alunos e... se eles não puderem... ficar em casa, assim... eles podem ficar na escola... no turno da tarde, da manhã (LÍVIA – conversa informal)

Não! Fala da praça! Eu acho tudo bom aqui, a Praça foi reformada. Tá tudo bom aqui! Eu gosto de tudo. (JÚLIO – conversa informal)

Não estamos com a nossa escolha querendo evidenciar que os alunos acima também não tenham sido críticos, uma vez que percebemos sim, criticidade nas falas deles, já que representam um sentimento de valorização do seu bairro, pois conforme vimos na contextualização da pesquisa, o bairro do Prado é violento e por isso estigmatizado. Esse fato pode ser exemplificado pela fala de um morador no dia em que fomos ministrar a oficina de fotos narradas e tentávamos localizar a escola. Ao perguntar ao rapaz como chegar lá ele respondeu: “Moça, fiquem paradas aqui não! É muito perigoso!” E neste mesmo dia, as primeiras pessoas que vimos ao chegar lá foram policiais militares que ali estavam porque um aluno tentara entrar armado na escola na noite anterior.

Destacamos justamente o Alexandre para salientar que apenas uma pessoa é capaz de se tornar agente de reflexão e de possíveis mudanças. Ele preferiu sair do grupo e trabalhar sozinho por acreditar que seria capaz de fazer diferente: “O que eu acho ruim mesmo é a praia (PRAIA DO SOBRAL). É tão bonita, mas ninguém cuida. Nem o prefeito, nem a população, porque todo mundo suja... joga lixo”.

Percebemos pela fala de Alexandre seu sentimento de inconformidade diante da sujeira da praia [É tão bonita! Mas ninguém cuida!]. Ele questiona tanto o poder público quanto a população [porque todo mundo suja], o que o diferencia dos demais estudantes, que tendem a culpabilizar apenas os dirigentes.

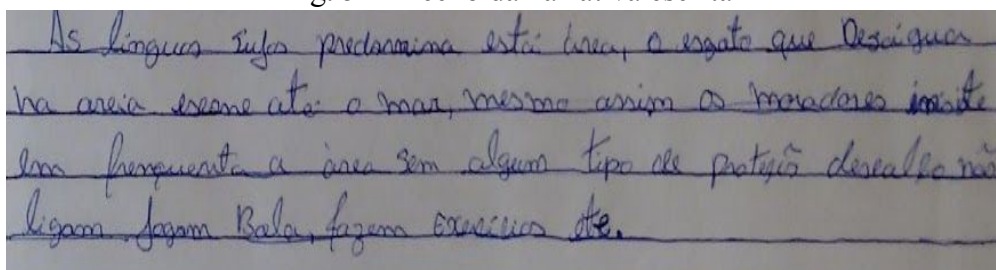
Alexandre consegue perceber que os colegas têm opiniões divergentes sobre o bairro e as respeita, ao passo que, busca através de um olhar diferenciado ser agente de transformação da sua realidade. O estudante demonstra preocupação com a qualidade de vida da comunidade: "Acho triste né. A gente faz racha⁷ lá, joga vôlei, mas não dá pra tomar banho. É muito lixo", e vê na proposta do projeto uma possibilidade de se fazer ouvido.

Fig.4 – Esgoto desaguando na praia



Fonte: pesquisadoras

Fig. 5 – Trecho da narrativa escrita



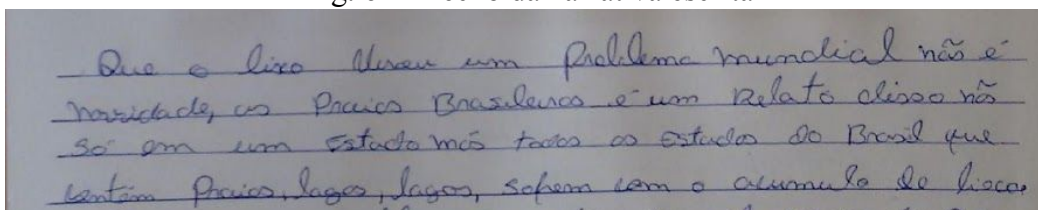
Fonte: pesquisadoras

⁷ Rachas são jogos de futebol realizados de maneira improvisada e informal. Geralmente acontecem entre amigos.

Uma das fotos (Fig.4) tiradas pelo aluno traduz essa preocupação e a necessidade de mostrar as pessoas que essa situação precisa mudar. "Os moradores insistem em frequentar a área (línguas sujas), sem algum tipo de proteção, descalços. Não ligam". (Fig.5). Alexandre tenta agir a partir de seu conhecimento de mundo, do contexto em que vive, para expressar suas contribuições sobre cada situação. Rojo (2012), ao conceituar os multiletramentos, afirma que o trabalho deve partir das "culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) [...] para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático" (ROJO, 2012, p. 08).

Em outro momento do texto, o aluno demonstra criticidade quando parte da realidade local para a global. "Que o lixo virou um problema mundial não é novidade e as praias brasileiras são um relato disso".

Fig. 6 – Trecho da narrativa escrita



Fonte: pesquisadoras

O título da foto que acompanha a narrativa já chama atenção do leitor "Lixo ou areia", junte-se a isso a própria foto que retrata uma parte da areia da praia coberta por lixo de todos os tipos. Talvez uma tentativa de chocar as pessoas, de chamar a atenção para o problema. E inconformado continua: "Essas marcas na areia (fig.7) são de um trator que passa diariamente recolhendo o lixo, mas a população volta a jogar lixo e nós vivemos essa realidade".

Fig. 7 – Foto que acompanha o trecho



Fonte: pesquisadoras

Apesar de optar por demonstrar mais os pontos negativos do bairro, Alexandre não deixa de mencionar na narrativa digital um dos pontos positivos observados por ele.

Essa atitude demonstra a reflexão do estudante diante das possibilidades de apresentar o cotidiano de sua comunidade com os problemas e os benefícios que os cercam. Isto é, ao ter a oportunidade de reescrever seu texto e passá-lo para o formato de narrativa digital, o estudante refletiu e reconstruiu sua narração de modo que apontou os aspectos positivos também. De acordo com Monte Mór (2015), esta pode ser considerada uma forma de letramento crítico, visto que, está relacionada a capacidade do sujeito refletir sobre o universo em que vive, sabendo conviver com as diferenças. Conforme podemos observar na transcrição da narrativa digital:

Fig. 8 – Transcrição da narrativa digital do Alexandre



FOTO 1 - Neste trabalho falaremos sobre a poluição na praia do Sobral. Nesta imagem podemos reparar nas grandes quantidades de lixo em meio às montanhas de areia.

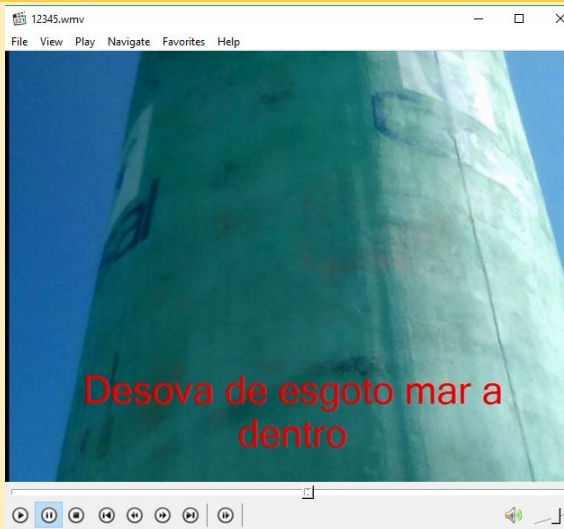


FOTO 3 - A central de tratamento de resíduos sólidos opera há anos. Os resíduos não têm o tratamento necessário e são desovados em mar aberto.

FOTO 2 - As línguas sujas são frequentes. Não precisa fazer muito esforço para encontrar várias. Os esgotos dos bairros vizinhos deságuam na praia.

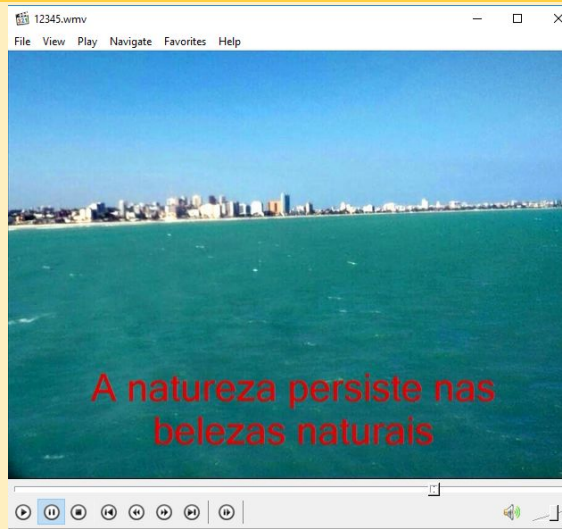


FOTO 4 - Mesmo em meio a tanta poluição e tanto abandono, a beleza persiste na praia. A praia que um dia já foi uma das mais bonitas do Brasil, hoje se encontra abandonada no bairro do Prado.

Fonte: pesquisadoras

Verificamos que a narrativa digital foi construída com as mesmas fotos da narrativa escrita, no entanto, Alexandre narrou os fatos de uma forma um pouco diferente. Ele apresenta os problemas que observa em seu bairro (fotos 1, 2 e 3), o lixo, as línguas negras e o emissário chamando a atenção da população e dos dirigentes para uma situação que pode e deve ser mudada. A reflexão do estudante é concluída com a última foto do vídeo (foto 4), deixando uma mensagem importante para todos, não só os moradores do bairro, visto que, o próprio Alexandre atenta para o fato que esse tipo de situação afeta o Brasil e o mundo. "Mesmo em meio a tanta poluição e tanto abandono, a beleza persiste na praia". Em outras palavras, o aluno parece querer dizer que a natureza está fazendo seu papel e pretende fazer com que a população acorde e assumo o seu lugar de protetor e ajude a preservá-la.

Algumas considerações

Revista de Letras Norte@mentos

Dossiê Temático em Linguística Aplicada: horizontes multidisciplinares, Sinop, v. 10, n. 23, p. 102-121, outubro 2017.

Esta etapa da pesquisa teve por objetivo trabalhar o ensino de língua portuguesa com enfoque reflexivo e crítico via multiletramentos. A proposta partiu do contexto social dos estudantes e buscou gerar reflexões sobre o bairro em que vivem utilizando para isso seus *smartphones*.

Como já explicitamos anteriormente, acreditamos que os multiletramentos envolvem o trabalho com diferentes semioses e com diferentes culturas. Sendo assim, procuramos trabalhar com textos de uma forma diferente do que os nossos alunos estavam habituados. Utilizamos fotos, narrativas escritas e narrativas digitais. Procuramos também reforçar a reflexão acerca de contextos globais e locais, valorizando acima de tudo o conhecimento de mundo trazido e compartilhado por nossos alunos.

Encontramos dificuldades em nosso percurso, no entanto. Descobrimos que o discurso de senso comum de que nossos adolescentes são “nativos digitais” não correspondia a realidade daquela comunidade. Muitos alunos não conseguiram desenvolver a etapa da narrativa digital porque simplesmente não tinham acesso (ou não sabiam como utilizar) aos computadores. A falta de um laboratório de informática na escola, dificultou um pouco mais o processo. O medo e a insegurança gerados pela violência urbana também foi um fator agravante, porque alguns alunos e alunas tiveram receio de tirar as fotos com o celular nas ruas.

As dificuldades não nos fizeram desanimar ou desistir. Como pesquisadoras em Linguística Aplicada que somos, sabemos que a pesquisa exige flexibilidade e sensibilidade para perceber os pequenos avanços. Acreditamos que para a maioria dos estudantes envolvidos em nosso projeto (e aqui representados pela produção do aluno Alexandre) foram oferecidas oportunidades de reflexão acerca da sua realidade e a partir daí, poderão se tornar agentes de processos de mudança no contexto social onde vivem. Acreditamos por fim que este deveria ser o papel do componente curricular Língua Portuguesa nas escolas – oportunizar aos alunos diálogos com discursos diversos que permeiam suas vidas.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

_____. *Questões de literatura e de estética – A teoria do romance*. 7. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M./ VOLOCHINOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

_____. *A sociedade líquida*. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 out. 2003. p. 4-9.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. (Orgs.) DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-42.

DUBOC, A. P. M. Ensino e avaliação de línguas estrangeiras: tendências em curso. In: MULIK, K. B.; RETORTA, M. S. (Orgs.) *Avaliação no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: diálogos, pesquisas e reflexões*. São Paulo: Pontes Editores, 2014. p. 21-47.

MOITA LOPES, L.P. Linguística Aplicada e Vida Contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: _____. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. P. 85-107.

MONTE MÓR, W. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, C.H.; MACIEL, R. F. (Orgs.) *Língua estrangeira e formação cidadã: Por entre Discursos e Práticas*. 2. Ed. São Paulo: Pontes Editores, 2015. p. 31-50.

ROJO, R.H.R. Protótipos didáticos para os Multiletramentos. In: ROJO, R; MOURA, E. (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 7-9.

TELLES, J.A. É pesquisa, é? Ah, não quero não, bem! Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem & Ensino*, v. 5, n. 2. 2002.

TÍLIO, R. Linguística (aplicada), contemporaneidade e materiais didáticos: diálogos. In: SANTOS, L.I.S; SILVA, K.A. (Orgs.). *Linguagem, Ciência e Ensino: desafios regionais e globais*. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 57-76.

THE CONTRIBUTIONS OF MULTILITERACIES IN THE PROCESSES OF TEACHING AND LEARNING PORTUGUESE LANGUAGE

ABSTRACT

The present article is a clipping from a PIBIC research still in process at IFAL. It aims to reflect on a critical reading/writing practice through multiliteracies in Portuguese lessons. The theoretical framework brings reflexions about the language vision as a social construct (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2012) and multiliteracies (ROJO, 2012; MONTE MOR, 2015). The research is a case study (TELLES, 2002). Results obtained until now point to a possible students' critical attitude in face of their local reality, from reflexions that surged by the usage of texts which are different from the ones normally used in school contexts.

Keywords: multiliteracies, criticism, portuguese language.

Recebido em 23/06/2017

Aprovado em 17/09/2017